

SUBJETIVIDADE EM ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS

SUBJECTIVITY IN ADULTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: EXPERIENCES AND MEANINGS

SUBJETIVIDAD EN ADULTOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: EXPERIENCIAS Y SIGNIFICADOS

Kelven Everton de Oliveira Sampaio¹
Geovani Bernardes Dias Junior²
Saulo Reis Gomes de Andrade³

RESUMO: Este estudo apresentou uma revisão integrativa sobre a subjetividade em adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando compreender como suas experiências internas e sociais têm sido investigadas na produção científica recente. A pesquisa foi realizada nas bases SciELO, ERIC e LILACS, com artigos publicados entre 2020 e 2025, resultando em seis estudos elegíveis. Os achados indicam que a subjetividade autista é complexa, multifatorial e atravessada por dimensões sensoriais, emocionais, identitárias e socioculturais. Os estudos analisados destacam experiências relacionadas à dor, alimentação em ambientes sociais, comportamentos de acumulação e autolesão, além dos desafios associados ao emprego e à transição para o ensino superior e mercado de trabalho. Evidencia-se que fatores como estigma, camuflagem, falta de suporte institucional e barreiras atitudinais influenciam de forma significativa o bem-estar subjetivo e a participação social. Conclui-se que compreender a subjetividade autista requer deslocamento da perspectiva exclusivamente biomédica para abordagens que considerem sentidos, vínculos, narrativas e contextos de vida, reconhecendo o sujeito para além do diagnóstico.

3979

Palavras-chaves: Adultos autistas. Neurodiversidade. Inclusão.

ABSTRACT: This integrative review examines how subjectivity in adults with Autism Spectrum Disorder (ASD) has been conceptualized and studied in recent scientific literature. Searches in SciELO, ERIC and LILACS (2020–2025) yielded six eligible qualitative studies addressing sensory experiences, pain perception, eating in social contexts, hoarding and self-injurious behaviors, employment and transitions to higher education and work. Findings indicate that adult autistic subjectivity is complex and shaped by sensory, emotional, identity-related and sociocultural factors. Stigma, masking strategies, lack of institutional support and attitudinal barriers significantly affect well-being and social participation. The review highlights the limits of a solely biomedical perspective and calls for approaches that center lived meanings, social contexts and the voices of autistic adults. Research gaps include few studies with adult samples, limited geographic diversity and scarce longitudinal and participatory designs.

Keywords: Autistic adults. Neurodiversity. Inclusion.

¹ Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário IESB. Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário UNIFECAP.

² Doutorando em Saúde e Educação na UniEVANGÉLICA - Universidade Evangélica de Goiás.

³ Licenciado em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Bacharel em Educação Física pela Uniprojacao.

RESUMEN: Esta revisión integradora analiza cómo se ha concebido y estudiado la subjetividad en adultos con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la producción científica reciente. Las búsquedas en SciELO, ERIC y LILACS (2020–2025) identificaron seis estudios cualitativos elegibles que abordan experiencias sensoriales, percepción del dolor, alimentación en contextos sociales, acumulación y conductas autolesivas, empleo y transiciones a la universidad y al trabajo. Los hallazgos muestran que la subjetividad adulta autista es compleja y está determinada por factores sensoriales, emocionales, identitarios y socioculturales. El estigma, las estrategias de enmascaramiento, la falta de apoyos institucionales y barreras actitudinales afectan de manera significativa el bienestar y la participación social. Se concluye que es necesario superar la mirada biomédica y privilegiar enfoques que pongan en el centro los sentidos vividos y las voces de las personas autistas. Se identifican vacíos en investigación: escasez de estudios centrados en adultos, poca diversidad geográfica y ausencia de diseños longitudinales y participativos.

Palabras clave: Adultos Autistas. Neurodiversidad. Inclusión.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por padrões persistentes de déficits na comunicação social e interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades (APA, 2022). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, texto revisado (DSM-5-TR), o TEA é reconhecido como um espectro, o que permite identificar diferentes graus de comprometimento, desde formas mais sutis até manifestações severas, respeitando a diversidade das expressões clínicas do transtorno.

3980

As revisões diagnósticas, exemplificadas pela transição do DSM-IV para o DSM-5, unificaram as categorias de transtornos do desenvolvimento sob o guarda-chuva do espectro autista, buscando maior sensibilidade e especificidade, fazendo com que tais mudanças repercutem não apenas na identificação clínica, mas também na autopercepção e na vivência social dos indivíduos com o diagnóstico (Lord & Bishop, 2015).

De acordo com Vecchiato (2003), nos primeiros anos de vida a criança atravessa um processo fundamental em que ações e movimentos repetidos contribuem para a organização do pensamento. As experiências psicomotoras têm papel central nesse processo: por meio delas as sensações vividas passam a se estruturar em formas perceptivas que permitem à criança compreender gradualmente o mundo ao seu redor. Nesse estágio inicial, o desenvolvimento mental é inicialmente marcado por uma dimensão "fantasmática", onde a criança não consegue distinguir claramente entre o "eu" e o "não eu", ou o que está dentro e fora de si. Essa percepção fragmentada e confusa é vivida intensamente através do corpo, influenciando a formação da personalidade. Vecchiato (2003) observa que, em alguns quadros de autismo, esse processo pode

permanecer interrompido, mantendo o indivíduo preso a essa dimensão inicial e dificultando o estabelecimento de formas eficazes de socialização. Essa ideia dialoga com a perspectiva de Vygotsky (2013), que enfatiza o desenvolvimento humano não apenas como um processo biológico, mas essencialmente histórico e cultural, destacando que o sujeito se forma nas relações com o outro, nas práticas culturais e no uso de ferramentas que reorganizam o pensamento e a ação.

Nesse sentido, González Rey (2020) propõe que a subjetividade é produzida a partir das experiências vividas e dos sentidos que o indivíduo atribui a elas; configura-se, portanto, como um processo dinâmico e singular, constituído na relação com o outro, com a linguagem, com os afetos e com os contextos culturais em que o sujeito está inserido. Aplicada ao campo do TEA, a subjetividade reside na necessidade de compreender o indivíduo para além dos critérios diagnósticos e manifestações externas, (Silva e Rozek, 2019). Isso se torna ainda mais urgente diante discursos médicos e rotinas institucionais que frequentemente restringem possibilidades de desenvolvimento ao desconsiderarem fatores sociais e relacionais e diante da carência de políticas educativas sensíveis à condição social e aos processos subjetivos de estudantes com dificuldades de aprendizagem, muitas vezes reduzidos à condição de transtornos individuais a serem solucionados pela medicina, impedindo intervenções capazes de promover vínculos, sentidos e práticas transformadoras (Rey, Goulart e Bezerra, 2016).

3981

De acordo com Wunder Silva (2024), os sentidos atribuídos às pessoas com TEA têm origem principalmente em crenças populares, fortemente influenciadas por filmes e séries, e não em experiências concretas. Esses sentidos acabam se consolidando por noções equivocadas e generalizações como: autistas são superinteligentes, autistas não gostam de carinho, autistas preferem ficar sozinhos ou autistas não entendem nada do que está acontecendo. Essas crenças populares, ao se difundirem na sociedade e permearem os espaços educacionais e familiares, transformam-se em barreiras atitudinais que dificultam a inclusão, a participação efetiva e a oferta de suportes adequados.

Nesse cenário, Martínez e González Reys (2017) observam que os movimentos das pessoas com deficiência, ao reivindicarem direitos, evidenciam que elas são sujeitos sociais que não podem ser reduzidos a diagnósticos. No entanto, práticas institucionais ainda baseadas em avaliações médicas e psicológicas tendem a patologizá-las, afastando o foco da aprendizagem e limitando sua subjetividade, participação e autonomia.

No caso do TEA, essa tendência institucional torna-se mais visível, pois o diagnóstico molda a vivência subjetiva das pessoas autistas, havendo uma tensão constante entre a

autoimagem dos indivíduos autistas e a imagem que percebem projetar na sociedade, bem como um dilema persistente sobre revelar ou ocultar o diagnóstico, já que ambos os caminhos frequentemente acarretam tratamento negativo. (Botha et al., 2020; Kiehl et al., 2024).

Dessa forma, as experiências subjetivas de adultos autistas são frequentemente marcadas pela centralidade do diagnóstico em sua identidade. Embora muitos autistas considerem sua neurodivergência como uma característica neutra em termos de valor, a sociedade frequentemente atribui significados negativos ao TEA, gerando estigma, isso significa que podem enfrentar ignorância, preconceito e discriminação, impactando o bem-estar e aumentando a ocorrência de comportamentos de camuflagem, nos quais os indivíduos tentam mascarar seus traços autistas (Botha et al., 2020; Turnock et al., 2022).

OBJETIVO GERAL

Compreender como a subjetividade de adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido concebida, representada e investigada na produção científica contemporânea.

MÉTODOS

Foi realizada uma revisão integrativa acerca sobre a subjetividade no contexto do Transtorno do Espectro Autista, considerando fatores como as construções diagnósticas e a cultura impactam a experiência subjetiva de adultos autistas. Para tanto, foi implementado um levantamento bibliográfico nas bases de dados SciELO, ERIC e LILACS. A busca realizou uma combinação de descritores e palavras-chaves (Quadro 1). Os artigos deveriam estar integralmente disponíveis, publicados em inglês, espanhol ou português entre janeiro de 2020 e novembro de 2025. Inicialmente foram analisados os títulos dos trabalhos, para posterior apreciação dos resumos e leitura completa; com vistas a selecionar conteúdo pertinente ao tema. A síntese das evidências foi organizada segundo a estratégia SPIDER (Sample; Phenomenon of Interest; Design; Evaluation; Research type), considerada adequada para revisão integrativa, pois privilegia a caracterização detalhada da amostra e do fenômeno de interesse, além de explicitar desenho, formas de avaliação e tipologia metodológica (Cooke et al., 2012).

Quadro 1. Termos da busca nas bases de dados.

Termo principal	Termos de pesquisa
Subjetividade	“subjetividade” OR “subjectivity” OR “subjetivo” OR “subjective” OR “subjetividad”

	AND
Transtorno do Espectro Autista	“transtorno do espectro autista” OR “autism spectrum disorder” OR "trastorno del espectro autista"
	AND
Adultos	“adultos” OR “adults” OR "adultos" (ES)

Fonte: Os Autores

Foram elegíveis para inclusão estudos publicados entre 2020 e 2025 que investigassem indivíduos adultos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que abordassem a experiência subjetiva dos participantes. Adotou-se como critério de experiência subjetiva qualquer relato, percepção ou registro sobre vivências internas e interpessoais dos participantes, desde que essas informações tivessem sido obtidas por métodos qualitativos ou mistos e apresentadas como achados do estudo.

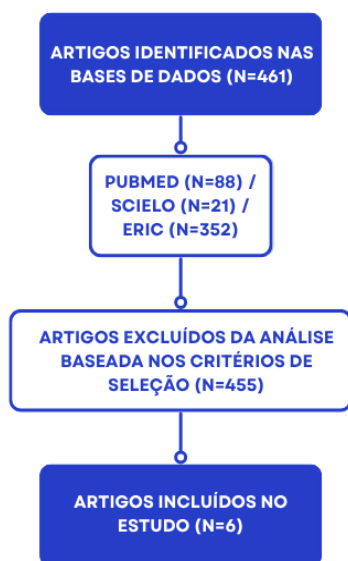
Adotou-se como critérios de exclusão artigos de revisão, bem como estudos que tivessem como única população crianças ou adolescentes. Excluíram-se também estudos que se limitassem a medidas quantitativas padronizadas sem qualquer coleta ou análise qualitativa das experiências subjetivas, e pesquisas em que o diagnóstico de TEA não estivesse claramente informado ou confirmado pelos autores. Foram igualmente excluídos resumos de eventos/congressos quando o texto completo não estava disponível, e publicações em idiomas fora dos definidos nos critérios de inclusão (inglês, português e espanhol). Em amostras mistas por faixa etária, incluíram-se somente os estudos que disponibilizassem resultados estratificados por adultos ou que permitissem a extração isolada dos dados referentes a essa subpopulação. Essas decisões visaram assegurar coerência temática com o objetivo da revisão e a qualidade interpretativa dos achados sobre a experiência subjetiva de adultos com TEA.

3983

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As etapas de busca, conforme os critérios citados constam na Figura 1. Foram incluídos seis estudos que abordaram diferentes dimensões da experiência subjetiva de adultos com TEA.

Figura 1. Fluxograma dos artigos selecionados



Fonte: Os Autores.

Quadro 2. Resultados extraídos dos estudos selecionados como elegíveis nesta revisão.

Autor/Ano	Sample/ Amostra	Phenomenon of Interest/Fenômeno de Interesse	Design/ Desenho Metodológico	Evaluation/ Avaliação	Research Type/ Tipo de Pesquisa
Kalingel-Levi, et al.; 2022	15 adultos com TEA Nível I de suporte: sete homens e oito mulheres.	Esclarecer como adultos com TEA vivenciam e percebem a dor, suas consequências em seu cotidiano e suas estratégias de enfrentamento da dor.	Entrevistas online, presenciais e aprofundadas, utilizando o software de videoconferência Zoom. Cada entrevista teve duração de 60 a 90 minutos e foi gravada apenas em áudio.	Entrevistas WASI-II ADOS-2	Qualitativa
Goldfarb Y, et al.; 2021	10 adultos com diagnóstico de autismo; cinco homens e cinco mulheres.	Esclarecer manifestações subjetivas sobre comportamentos de acumulação e autolesão.	Entrevistas com duração aproximada de 90 minutos. A parte inicial da entrevista incluiu perguntas abertas, seguidas de perguntas mais específicas e direcionadas a ampla gama de comportamentos relatados pelos participantes nas entrevistas, concentrando-se em informações sobre	Entrevistas Questionário de autorrelato Escala de Comportamentos Repetitivos Revisada (RBS-R)	Qualitativa

			comportamentos autolesivos e de acumulação, que emergiram como temas proeminentes.		
Brouwers et al.; 2024	64 adultos autistas com media de idade de 47 anos.	Esclarecer o significado do trabalho remunerado para o bem-estar subjetivo e as diferenças e semelhanças entre adultos autistas com e sem emprego remunerado.	Discussões com duração de duas horas, das quais os primeiros 30 a 60 minutos foram utilizados para este estudo, e a segunda parte para um estudo separado sobre barreiras e facilitadores para o emprego sustentável	Grupos focais	Qualitativa
Park-Cardoso, J., & D Silva, A. P. S., 2021.	10 adultos autistas diagnosticados com TEA na idade adulta e 6 adultos sem diagnóstico formal	Estudar os aspectos desafiadores de comer fora com outras pessoas, para entender por que alguns adultos autistas preferem comer sozinhos.	Entrevistas individuais por e-mail com perguntas personalizadas que investigaram experiências em restaurantes, situações desagradáveis, estratégias para comer fora com conforto e os desafios de comer na companhia de outras pessoas.	Entrevistas	Qualitativa
Mhlekw, Franzsen & Koch, 2023.	5 jovens adultos com TEA que estavam atualmente empregados no mercado de trabalho ou que já haviam trabalhado e 8 pais dos indivíduos com TEA	Explorar as percepções de indivíduos com TEA e de seus pais sobre suas necessidades não atendidas em relação à transição para o mercado de trabalho	Os dados foram coletados por meio de entrevistas conduzidas por e-mail com adultos autistas, enquanto seus pais participaram de entrevistas presenciais.	Entrevistas	Qualitativa
Sefotho & Onyishi, 2021.	10 estudantes universitários com TEA	Fatores que dificultam a transição de estudantes com TEA para o ensino superior.	Uma entrevista semiestruturada com quatro perguntas abertas foi utilizada para orientar a coleta de dados do estudo. As perguntas centrais foram elaboradas com base nas perspectivas dos estudantes sobre a universidade.	Entrevistas	Qualitativa

Fonte: Os Autores

Os principais achados indicam que a subjetividade de adultos com TEA é complexa e multifacetada, atravessada por dimensões sensoriais, emocionais e relacionais que moldam a percepção de si e do mundo. Sensações corporais, estratégias de autorregulação e experiências

sociais articulam-se em redes de sentido que oferecem, simultaneamente, recursos adaptativos e fontes de vulnerabilidade.

Em relação à percepção subjetiva da dor física, o estudo de Kalingel-Levi et al.; (2022) evidenciou que todos os participantes definiram a dor como uma experiência intensa, incômoda e, por vezes, traumática. Apesar de reconhecerem a dor como um sinal funcional de alerta corporal, muitos relataram dificuldades em interpretá-la e expressá-la adequadamente. A necessidade constante de validação externa, especialmente por meio de familiares ou profissionais de saúde, reflete não apenas desafios comunicativos, mas também processos subjetivos marcados pela desconfiança em relação à própria percepção e à responsividade do outro. A heterogeneidade das experiências sensoriais descritas pelos participantes (hiper ou hipossensibilidade à dor) reforça a complexidade do campo subjetivo autista, no qual as sensações corporais são vividas de forma singular e muitas vezes não correspondem às expectativas sociais. Essa ambiguidade contribui para o sofrimento emocional e para a dificuldade de mediação com o ambiente, gerando incertezas e angústia diante da ausência de referências externas seguras.

Um estudo de Park-Cardoso & D. Silva (2021) aprofunda as razões pelas quais muitos adultos autistas preferem comer sozinhos. Segundo os autores, essa preferência decorre de duas incongruências principais: entre as características sensoriais individuais e o ambiente físico (como alimentos, ruídos e iluminação) e, em um segundo nível, entre as estratégias pessoais de enfrentamento e as normas sociais do grupo. Em contextos marcados por expectativas e julgamentos, os participantes relatam sentir-se impedidos de utilizar livremente estratégias que lhes proporcionariam conforto, o que leva a mal-estar, crises emocionais ou evitamento social. Assim, é identificado que comer sozinho torna-se uma forma de garantir autonomia e tranquilidade, permitindo recorrer às estratégias necessárias sem as restrições impostas por interações sociais, mesmo quando o indivíduo mantém o desejo de socializar.

Por outro lado, o trabalho de Goldfarb et al. (2021) identifica duas manifestações centrais na experiência subjetiva dos participantes: o acúmulo/coleccionismo e os comportamentos autolesivos. O acúmulo aparece ambivalente, ao mesmo tempo que é um recurso adaptativo e um problema funcional, pois organiza rotina, memória e sensação de segurança, funcionando como âncora identitária; contudo, quando interfere na vida prática, limita a participação social. Já os comportamentos autolesivos, relatados por metade dos participantes, cumprem principalmente funções de estimulação sensorial e autorregulação emocional: para alguns, provocam uma sensação física intensa; para outros, aliviam angústia emocional. Em ambos os

casos, essas condutas não são apenas sintomas isolados, mas práticas carregadas de sentido que articulam memória, corpo, identidade e relações sociais. o que indica que intervenções devem considerar esses significados, em vez de focar apenas na supressão dos comportamentos.

Em relação à emprego, Brouwers et al.; (2024) identificou que a ausência de emprego remunerado esteve associada à falta de reconhecimento social, sentimentos de inutilidade e baixa autoestima, mesmo quando os indivíduos realizavam trabalho voluntário. O estudo analisado acrescenta nuances relevantes ao demonstrar que, para muitos adultos autistas, o problema não é apenas o desemprego em si, mas a perda do status social associado à renda própria, o que potencializa sentimentos de desvalorização e exclusão. os impactos negativos do desemprego ou da dependência de benefícios permanentes vão além da dimensão financeira. Para muitos participantes do estudo, receber auxílio-doença foi descrito como uma “armadilha”, pois, apesar de reduzir o estresse financeiro imediato, simultaneamente restringia a liberdade de sonhar com uma possível reintegração profissional. De modo geral, o estudo evidencia que o emprego remunerado é percebido por adultos autistas como altamente significativo para o bem-estar, seja pelos aspectos práticos (renda, autonomia, estrutura), seja pelos simbólicos (pertencimento, reconhecimento social).

Quanto ao processo de transição da escola para o trabalho, o estudo de Mhleka et al.; 3987 (2023) evidencia que esse processo é igualmente marcado por tensões entre necessidades individuais e demandas sociais pouco flexíveis. Os participantes, pessoas com TEA e seus pais, descreveram a transição escolar-trabalho como um período difícil e estressante. A primeira etapa dessa transição, a busca por emprego, revelou-se um desafio significativo, pois muitos participantes apresentavam concepções equivocadas sobre como procurar trabalho e esperavam que as oportunidades surgissem espontaneamente. A obtenção de emprego frequentemente dependia de redes pessoais, como amigos, familiares ou professores, já que atitudes negativas de empregadores atuavam como barreiras iniciais. As dificuldades de manutenção do emprego também dialogam com os estudos anteriores. Os participantes relataram problemas em lidar com ruídos, luzes e organização do espaço físico, além de dificuldades para se adaptar a mudanças, interagir com colegas ou compreender normas sociais implícitas. Esses obstáculos eram agravados pelo estigma associado ao diagnóstico e pela ausência de acomodações razoáveis. Em muitos casos, a revelação do TEA resultava em rebaixamento, exclusão de tarefas importantes ou mesmo demissões voluntárias como forma de autoproteção diante de ambientes hostis. Por outro lado, quando havia suporte e adaptação institucional, alguns participantes relataram experiências bem-sucedidas de trabalho. Por fim, o estudo destaca o papel intenso das

famílias na sustentação da trajetória profissional dos filhos, muitas vezes assumindo funções de suporte contínuo durante a vida adulta. Esse envolvimento parental reforça o peso emocional e social que recai sobre as famílias de sujeitos atípicos.

Na mesma direção, Sefotho e Onyishi (2021) aprofundam a compreensão sobre a transição de estudantes com TEA para o ensino superior, mostrando que a passagem para um ambiente com menos rotina e maior exigência de autonomia costuma vir acompanhada de dificuldades acadêmicas, déficits nas interações sociais, barreiras estruturais, problemas de saúde mental e escassez de recursos institucionais. Os autores destacam que tarefas colaborativas e o cumprimento de prazos são fontes recorrentes de estresse, frequentemente por conta da ansiedade social, da maior suscetibilidade à sobrecarga e das dificuldades de comunicação. Além disso, os participantes relatam receio de julgamento e dificuldades para formar e manter amizades, o que os leva muitas vezes à evitação de situações sociais e agrava o isolamento. Essas limitações de socialização, portanto, não desaparecem na vida adulta e têm impacto direto no engajamento acadêmico. As características físicas e sensoriais do campus, descritas como barulhentas, imprevisíveis e pouco organizadas, tendem a restringir ainda mais a autonomia desses estudantes. Soma-se a isso a ausência de serviços especializados e de profissionais capacitados: muitas demandas ficam sem resposta e, não raro, docentes interpretam dificuldades específicas como preguiça ou falta de esforço, o que reforça o estigma e dificulta ajustes pedagógicos. Em suma, Sefotho e Onyishi evidenciam que, apesar do potencial acadêmico dos estudantes com TEA, seus trajetos são sistematicamente fragilizados por barreiras institucionais, sociais e emocionais.

3988

Emergem contradições recorrentes: o diagnóstico pode trazer alívio e ser um recurso identitário, mas também funcionar como rótulo estigmatizante que legitima práticas institucionais patologizantes. As interpretações apresentadas exigem cautela, pois a revisão reuniu poucos estudos, todos qualitativos e a maioria com amostras reduzidas, sem investigações longitudinais e com pouca diversidade geográfica, o que limita a generalização. Há, ainda, um viés etário: investiga-se muito o autismo na infância, mas pouco a experiência adulta. Essa concentração infantocentrada tende a produzir narrativas que vinculem o TEA somente à tutela permanente, ao déficit e à dependência, silenciando trajetórias adultas de autonomia, ativismo e produção de subjetividade. Assim, a escassez de pesquisas com adultos compromete tanto as conclusões desta revisão quanto a formulação de políticas e práticas que reconheçam os autistas como sujeitos plenos na vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da subjetividade no adulto com TEA é marcado por complexidade, heterogeneidade e tensões entre experiências internas singulares e expectativas sociais. A partir dos seis estudos incluídos, emergiram elementos centrais: (1) as experiências sensoriais e corporais estruturam parte importante do mundo vivido pelos sujeitos autistas; (2) a construção identitária é atravessada pela centralidade do diagnóstico, que pode operar simultaneamente como rótulo estigmatizante ou como ferramenta de sentido e alívio; e (3) determinantes contextuais, culturais e institucionais, exercem papel decisivo na regulamentação das oportunidades de participação social, educação e trabalho.

Por fim, intervenções devem priorizar abordagens centradas na pessoa, que reconheçam os significados atribuídos às práticas e promovam suportes sensoriais, emocionais e contextuais, tanto em espaços educacionais quanto no mercado de trabalho. Capacitação de profissionais (docentes, equipes de saúde, gestores), e implementação de programas de transição escola-universidade-trabalho são medidas que emergem como para reduzir vulnerabilidades e ampliar possibilidades de participação e bem-estar. É necessário deslocar o foco exclusivo do diagnóstico clínico para uma abordagem que valorize a subjetividade dos adultos com TEA, reconhecendo suas estratégias de enfrentamento, seus recursos identitários e as barreiras sociais que enfrentam.

3989

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BOTHA, M.; DIBB, B.; FROST, D. M. “Autismo sou eu”: uma investigação sobre como indivíduos autistas interpretam o autismo e o estigma. *Disability & Society*, v. 37, n. 3, p. 427-453, 2020. DOI: 10.1080/09687599.2020.1822782.

BROUWERS, E. P. M.; BERGIJK, M.; VAN WEEGHEL, J.; DETAILLE, S.; DEWINTER, J. What is the Meaning of Paid Employment for Well-Being? A Focus Group Study on Differences and Similarities Between Autistic Adults With and Without Employment. *Journal of Occupational Rehabilitation*, v. 34, n. 2, p. 415-424, 2024. DOI: 10.1007/s10926-023-10136-0.

COOKE, A.; SMITH, D.; BOOTH, A. Beyond PICO: the SPIDER tool for qualitative evidence synthesis. *Qualitative Health Research*, v. 22, n. 10, p. 1435-1443, 2012. DOI: 10.1177/1049732312452938.

GOLDFARB, Y. et al. Autistic adults' subjective experiences of hoarding and self-injurious behaviors. *Autism: The International Journal of Research and Practice*, v. 25, n. 5, p. 1457-1468, 2021. DOI: 10.1177/1362361321992640.

KALINGEL-LEVI, M. et al. "When I'm in Pain, Everything Is Overwhelming": Implications of Pain in Adults With Autism on Their Daily Living and Participation. *Frontiers in Psychology*, v. 13, 911756, 2022. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.911756.

KIEHL, I.; PEASE, R.; HACKMANN, C. The adult experience of being diagnosed with autism spectrum disorder: A qualitative meta-synthesis. *Autism*, v. 28, n. 5, p. 1060–1074, 2024. DOI: 10.1177/13623613231220419.

LORD, C.; BISHOP, S. L. Recent Advances in Autism Research as Reflected in DSM-5 Criteria for Autism Spectrum Disorder. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 11, p. 53–70, 2015. DOI: 10.1146/annurev-clinpsy-032814-112745.

LUCERO, A. et al. O uso de objetos e filmagem no tratamento psicanalítico em grupo de crianças autistas. *Psicologia USP*, v. 32, e180201, 2021. DOI: 10.1590/0103-6564e180201. Acesso em: 4 out. 2025.

MHLEKWA, B. S.; FRANZSEN, D.; KOCH, L. The needs of individuals with autism spectrum disorder when transitioning into the labour market. *South African Journal of Occupational Therapy*, v. 53, n. 1, p. 8–18, 2023. DOI: 10.17159/2310-3833/2023/vol53n1a3.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.; VALDÉS PUENTES, R. *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde*. 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. *Psicologia, educação e aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2017.

3990

PARK-CARDOSO, J.; D SILVA, A. P. S. Preference to Eat Alone: Autistic Adults' Desire for Freedom of Choice for a Peaceful Space. *Autism in Adulthood: Challenges and Management*, v. 3, n. 3, p. 257–265, 2021. DOI: 10.1089/aut.2020.0066.

PATINO TORRES, J. F. P. Abordaje psicoeducativo de niños/as con TEA: una perspectiva histórico-cultural de la Subjetividad. *Revista Educação Especial*, v. 36, n. 1, p. e72/1–25, 2023. DOI: 10.5902/1984686X84818. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/84818>. Acesso em: 6 nov. 2025.

REY, Fernando González; GOULART, Daniel Magalhães; BEZERRA, Marília dos Santos. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação, [S. l.]*, v. 39, n. 4, p. s54–s65, 2016. DOI: 10.15448/1981-2582.2016.s.24379. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/24379>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SEFOTHO, M. M.; ONYISHI, C. N. Transition to Higher Education for Students with Autism: Challenges and Support Needs. *International Journal of Higher Education*, v. 10, n. 1, p. 201–213, 2021. DOI: 10.5430/ijhe.v10n1p201. Acesso em: 15 nov. 2025.

SILVA, K. F. W. da; ROZEK, M. A teoria da subjetividade e o transtorno do espectro autista: o que já foi pesquisado? *Revista Teias*, v. 20, n. 58, p. 330–344, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.40312. Disponível em: <https://www.e publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/40312>. Acesso em: 4 out. 2025.

TURNOCK, A.; LANGLEY, K.; JONES, C. R. G. Understanding Stigma in Autism: A Narrative Review and Theoretical Model. *Autism in Adulthood*, v. 4, n. 1, p. 76–91, 2022. DOI: 10.1089/aut.2021.0005.

WUNDER SILVA, K. F. *Transtorno do Espectro Autista e a Teoria da Subjetividade*. Fundação Fênix, 2024.